

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LADO B.B.
3 e 7 de outubro de 2026

SPÉCIAL BARDOT / 1968
(*“Especial Bardot”*)

Especial televisivo de François Reichenbach, Eddy Matalon

Realização: François Reichenbach, Eddy Matalon / Montagem: Claude Barrois / Assistência de Montagem: Thierry Derocles / Direção de Fotografia: Jean-Jacques Tarbès / Produção: Bob Zagury, Les Films du Quadrangle / Assistência de Realização: Claude Bourgoïn, Christian Odasso / Colaboração Artística: Sady Rebbot / Canções: Serge Gainsbourg, Jean-Max Rivière, Gérard Bourgeois / Som: Alain Brouillard, Bernard Aubouy / Música Original: Francis Lai / Decoração: Pierre Peytavi / Guarda-roupa: Jean Bouquin, Mic-Mac, Paco-Rabane, Réal / Sessões Fotográficas: David Bailey, Sam Levin / Intérpretes: Brigitte Bardot, Serge Gainsbourg, Sacha Distel, Manitas de Plata, Claude Brasseur / Cópia: DCP, a cores, cantado em francês e em inglês e legendado eletronicamente em português / Duração: 47 minutos / Estreia Mundial: 8 de junho de 1968, França (televisão) / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

Quand je suis sage comme une image.

Brigitte Bardot, *Ce n'est pas vrai*

“De l’ange ou du demon / Quel est ton vrai visage?”, cantava assim Sacha Distel em 1958 numa música chamada *Brigitte*, no ano em que a relação com Brigitte Bardot se tornou sensação número 1 nas publicações cor-de-rosa. O *crooner* francês juntava-se, assim, romanticamente à atriz mais popular à face da terra. Uma relação que durou cerca de um ano, mas, como aconteceu nalguns casos importantes (pense-se no casamento com Roger Vadim), a rutura nem sempre foi total, continuando a haver espaço para um entendimento artístico de que Bardot não desdenhava. Neste “Especial”, B.B. está entre essa sua paixão intensa mas fugaz e Serge Gainsbourg, com quem terá tido uma relação tórrida outrossim breve que ficou eternizada no controverso tema *Je t’aime... moi non plus*, antes de Jane Birkin assumir o lugar da “seduzida”, numa música que performatizava o próprio ato sexual.

Estes duetos mais ou menos sexuais encontram uma espécie de extensão nas cenas, filmadas em modo observacional, em que vemos Bardot a ser visada pela câmara fotográfica, por exemplo, dos fotógrafos de moda David Bailey e Sam Levin. Ela passeia-se em frente à câmara com uma graciosidade e uma leveza quase juvenis, como se o erotismo acabasse por ser, essencialmente, uma invenção da(s) câmara(s) e não um aspeto intrínseco à personagem da vida real que Bardot também foi (alguém para lá da sua imagem). Ao mesmo tempo, a música está por todo o lado, em cada novo teledisco e entre os telediscos. Com efeito, a narrativa principal deste **Spécial Bardot** assenta nas letras, nas paisagens, nos gestos e movimentações da estrela.

Ao contrário de algumas das mais célebres cenas que protagonizou no cinema (em títulos tais como **Et Dieu... crée la femme** [1956] e **La femme et le pantin** [1958]), uma das características destes telediscos – a maioria deles realizados pelo cineasta da Nouvelle Vague François

Reichenbach (o *website* do INA atribui a realização de muitos dos videoclipes a Reichenbach, ainda que num documentário inglês produzido para a BBC-TV, **Matalon Directs Bardot** [1968], Eddy Matalon fale na primeira pessoa como criador único de muitos deles para o aí denominado “Show Bardot”) – tem que ver com uma certa imobilidade do corpo de Bardot (exceção mais evidente talvez seja a versão do famoso *standard* do jazz *Everybody Loves My Baby*, em que Bardot revela o seu domínio do Charleston).

Em *Contact*, porventura o mais “kenneth angeriano” *videoclipe* deste grupo, o seu corpo assemelha-se a uma Cléopatra *from outer space* de gestos precisos e robotizados. No magnífico *Bonnie & Clyde*, é Gainsbourg quem se movimenta mais no *plateau*, ao passo que Bardot, mimetizando Faye Dunaway no clássico moderno de Arthur Penn, permanece quase imóvel, envergando uma metralhadora que nunca dispara, qual “fotografia viva”. E se está imóvel ou tende para a imobilidade nalguns videoclipes, noutros é o lado informal e descontraído que surpreende na construção da sua *persona*. Em *Je reviendrais toujours vers toi*, Bardot cantava “Je vais rester tout près de toi” em Port Grimaud, onde se costumava refugiar para escapar à atenção mediática. Por falar em refúgio: em *La Madrague*, Bardot passeia-se seguindo o passo àquela que será uma das músicas que mais a celebraram e que nomeia a casa e propriedade em Saint-Tropez, onde viveu grande parte da sua vida. Há uma dimensão privada, quase secreta, que se revela. A melancólica *C’est un jour comme un autre* afasta o tema favorito de Bardot, o sol ou o verão, para dar lugar à chuva e agasalhos para mais um inverno em Paris, em dias de abandono repletos de longos lamentos: “C’est un jour comme un autre / Mais nous sommes déjà / Éloignés l’un de l’autre”. Amores intensos e fugazes de verão combinados com um cantar doce e triste tocado pela distância e solidão mais invernosas – parece que conseguimos contar uma parte da vida de Bardot só através das letras e ambiências das suas músicas.

Um “Especial” como este também serve, ao dia de hoje, para assinalar o impacto de Bardot pelo mundo: na música, na moda e na cultura *pop* em geral. Nisso, os telediscos e momentos mais puramente documentais de Reichenbach/Matalon são eloquentes q.b., nomeadamente por ilustrarem uma tentativa levada a cabo por B.B. de se internacionalizar cantando na língua de Shakespeare ou, como já referido, entabulando um diálogo evidente com a iconografia de Hollywood (só Bardot conseguia, à época, “ousar” pôr-se nos sapatos de Faye Dunaway, apropriando-se do seu papel mais icónico, em *Bonnie & Clyde*). Entre o privado e o público, entre a sua propriedade “La Madrague” e a *swinging London*, entre a solidão e as luzes da ribalta, Bardot está por toda a parte interagindo com o mundo, ora com a natureza e o seu mundo interior, ora com fotógrafos, músicos e atores (refira-se ainda a divertida participação de Claude Brasseur em *Bubble Gum*). Bardot é muita coisa – morena, ruiva, loira tal como divertida, séria, contemplativa... – e anda pelos ares num parapente, move-se num barco ou ameaça partir numa Harley Davidson. Ao mesmo tempo, Bardot também é sempre a mesma, una e irreproduzível. Ela veste, como pele da sua pele, o próprio mito. Basta-lhe um sorriso para nos fazer acreditar na sua verdade e no seu espetáculo.

Luís Mendonça